



Jerry Givens & Norman Pilcher

Alexandre Santos

Conta o encontro impossível de Jerry Givens, um dos mais famosos carrascos da história mundial, com Norman Pilcher, um policial frustrado que sempre tentou a fama perseguindo pop-stars. Uma história sobre as idas e vindas da vida.

Era uma dupla impensável. Quase impossível.

De um lado, o solteirão Jerry Bronson Givens, mais conhecido como DD (sigla derivada de 'Deadly Discharge', Descarga Mortal em português, em alusão ao procedimento que marcava a profissão por ele abraçada), antigo carrasco-titular do Condado, um homem soturno e sem sorrisos, que, segundo as páginas, inicialmente caligrafadas, depois datilografadas e, mais recentemente, digitadas, dos assentamentos registrados no cartório do Tribunal de Apelações, desde o início da sua longa carreira de funcionário da temível Real Penitenciária de Segurança Máxima, já executara 62 pessoas - uma lista que incluía cruéis homicidas, maníacos de todas as naturezas e, até, inocentes condenados por engano ou, mesmo, por má fé de juízes corruptos (uma possibilidade que, sinceramente, nunca perturbara o seu sono intranquilo por natureza, pois, profissional dedicado, sabia que não lhe cabia fazer juízo de valor sobre a decisão dos juízes, [cabia-lhe] apenas acionar a chave que liberava a descarga mortal para execução da pena capital atribuída ao réu). De outro [lado], o policial Norman Clement Pilcher, um jovem-velho ranzinza vindo do Esquadrão Voador (onde não se adaptara ao regime de farras desregradadas, regadas a álcool e animadas pelas gargalhadas estridentes e requebros lascivos de mulheres etiquetadas, um costume que, a julgar pelo fervor como os colegas se esbaldavam, inclusive chefes e comandantes, fazia parte da rotina regulamentar dos brevetados) e que, agora, dando vazão ao seu jeito de ser, atuava como oficial subalterno da Delegacia Antidrogas, onde, apesar de cobrar muitos sacrifícios, inclusive a vida solitária dos work-a-holic, podia fazer valer sua autoridade de policial para impor medo e respeito no underground e, sobretudo, tirar desocupados, malandros e viciados das ruas de Londres, limpando-as da excrescência social produzida pelas drogas.

Uma vez por semana, enquanto, nos pubs da cidade, colegas entornavam cervejas para, horas depois, embriagados, voltarem para os braços das esposas, amantes e namoradas que os aguardavam em casa; na Real Penitenciária de Segurança Máxima, cercados por quatro paredes, culpados ou não, condenados sonhavam em sonhar os sonhos que, esquecidos da cadeira elétrica que os aguardava, deixavam-nos sair mundo afora e; nos clubes, rapazes e moças de cabelos longos, gírias pouco inteligíveis, roupas apertadas e pele pálida se amontoavam, pulando, dançando e se esfregando uns nos outros ao som de bandas barulhentas; Jerry e Norman se encontravam no final do expediente para um encontro de homens sérios e compenetrados, em passatempos monótonos que cabiam no orçamento de quem ganha o parco salário dos funcionários públicos. Tomavam, então, sopa de batatas com pão preto, uma ou duas taças de vinho barato e, durante uma ou duas horas, conversavam a conversa cansada de sempre.

Donos de um jeito de ser extremamente peculiar, nenhum dos dois conseguia sonhar como fazem as outras pessoas, passando os momentos de sono sem qualquer distração para a mente, apenas desligados para repouso e restauração das energias. Talvez por isso fossem tão chatos e cerimoniais. De tão circunspectos, embora se julgassem amigos, passara quase um ano até que Jerry passasse a chamar Norman de Nobby - como o policial era chamado por todos desde os tempos de menino - e, em reciprocidade, [Jerry] se deixasse chamar de DD pelo parceiro. No fundo, aquele tardio gesto de intimidade representava uma desesperada busca dos seus inconscientes, que, pela ausência de momentos de devaneios, permaneciam contidos em si próprios e precisavam extravasar sentimentos e ansiedades. Com o passar do tempo, aproveitando aqueles raros momentos, os seus inconscientes conseguiam aflorar e, num processo que introduzia quinhões de irrealidade na dureza das suas lembranças, deixavam que, de alguma forma, os sonhos aprisionados se manifestassem. Assim, sem a menor noção dos tortuosos caminhos criados pelos inconscientes para burlar os bloqueios para libertar desilusões e frustrações acumuladas pela vida, julgando-se alforriados pelos goles de vinho tomados juntos ao longo de todos aqueles encontros, Nobby e DD começaram a dar asas às línguas e, tagarelando como se quisessem se exhibir para o outro, passaram a falar de si próprios, contando episódios de difícil confirmação, bravatas profissionais que consideravam feitos históricos e coisas assim. Nobby, por exemplo, contou e repetiu 'umas cem vezes' como metera os Beatles e os Rolling Stones no xilindró ou como usara drogas

apreendidas dos viciados como moeda de pagamento para montar a vasta rede de alcaguetes da qual conseguia informações do submundo para orientar as operações contra os hippies e os pop stars. De sua parte, sem o mesmo glamour, mas falando como se ele próprio tivesse participado de uma espécie de duelo contra facínoras, DD contava sobre personalidades do mundo do crime que, graças a ele, tinham deixado de atormentar a tranquilidade do Estado em definitivo. Embora a lista fosse grande, DD citava apenas aqueles mais conhecidos por impor medo à sociedade, como os irmãos Briley - Linwood Earl, James Dyrat Jr. e Anthony Ray, assassinos em série, estupradores e ladrões responsáveis pela pior onda de assassinatos e roubos já ocorrida em Richmondville.

Se ouvisse aqueles relatos, um psicólogo experiente prontamente diagnosticaria que, por não terem alcançado a fama que julgavam merecer - fosse pela importância do trabalho que executavam, [fosse] pela dedicação como se entregavam ao affair abraçado ou [por] outras razões quaisquer -, ambos eram muito frustrados e, de forma peculiar, tinham desenvolvido e viviam fases moderadas da síndrome de Frankenstein - complexo psicológico caracterizado pelo desejo de a criatura querer matar o criador - evoluída de típicos casos da síndrome de Nova York - complexo psicológico desenvolvido pelas pessoas que, por não conseguirem realizar coisas expressivas por conta própria, tentam se realizar através da obra realizada por outrem, sendo, então, levadas a pensar como se [elas próprias] fossem as pessoas bem sucedidas.

Ele teria razão.

Nobby fazia questão de não lembrar (e, na realidade, conseguira recalcar em local não acessível da sua memória), mas, na juventude, mesmo sem ter coragem de vestir blusões negros ou túnicas largas, [coragem de] usar qualquer substância alucinógena ou psicotrópica ou [coragem] de arriscar uma vida de aventuras, se imaginara um astro do rock. Agora, aos 32 anos, Nobby revertera completamente aquele modo de pensar e, sem admitir nem para si próprio, assumira um comportamento antípoda, do tipo 'se eu não posso, ninguém vai poder'. E, neste embalo, um novo 'Eu' emergiu e se consolidou na consciência de Nobby Pilcher, sufocando qualquer outro 'Eu' porventura existente no seu panorama psicológico. O novo Nobby não entendia como aqueles drogados irresponsáveis ('que insuflavam maus costumes, rebeldia e só sabiam fazer barulho') podiam fazer mais sucesso, especialmente com as moças do que ele, um homem dedicado à sociedade. A raiva de Nobby cresceu ainda mais quando Deborah - a garota por quem [ele] nutria paixão

platônica e sonhara casar - se deu ao guitarrista cabeludo que conhecera há pouco num show de rock. Aos poucos, Nobby desenvolveu uma raiva incontrolável dos cabeludos e passou a perseguir hippies e artistas, acusando-os de vadiagem, envolvimento com drogas pesadas e tudo o mais que pudesse ser enquadrado no código penal. Assim, sempre municiado com as informações passadas pelos informantes da polícia infiltrados na juventude londrina, Nobby Pilcher passou a perseguir ferozmente os cabeludos e tatuados que faziam sucesso no mundo da arte e da música.

Acontecia coisa parecida com Jerry Bronson Givens.

DD não falava [no assunto], nem admitia a situação, mas, no fundo, não se conformava com o fato de não ter seus méritos reconhecidos pelo sistema ao qual servia com tanta dedicação, muito menos pela sociedade, que era a principal beneficiária dos seus atos. Afinal de contas, era ele, o carrasco oficial juramentado pela rainha, o homem que acionava a chave fatal para livrar em definitivo a humanidade dos piores malfeitores. DD não tinha dúvidas de que os carrascos eram necessários para garantir a tranquilidade e, portanto, para a felicidade da população. Apesar disto, ele nunca era reverenciado como herói pela imprensa ou pelas autoridades, que reservavam as homenagens apenas para os policiais, detetives, promotores e juízes. Aliás, nas vezes que eram lembrados, ao invés de respeito pela nobre função que exerciam, os carrascos despertavam asco e medo, como se [eles próprios] fossem tão assassinos quanto aqueles que, cumprindo a justiça dos homens determinada pelos tribunais, eles executavam. E, assim, tratando-os como figura menor - tal como fazem com os coveiros, lixeiros e varredores de rua - as pessoas não reconheciam os carrascos como profissionais honrados e importantes, membros do sistema judiciário, como os delegados, promotores e juízes. Pior. Quando reconheciam nas ruas, olhando de lado, as pessoas os evitavam, associando-os ao mal ou a espécie de bandido a serem evitados. Na realidade, com surpresa e tristeza, por mais incrível que pudesse parecer, havia um pessoal da esquerda que, sob o manto difuso dos Direitos Humanos e dizendo defender a vida como valor fundamental, mais do que desrespeitar a figura do carrasco, rejeitava a própria pena capital, atribuindo-lhe a pecha de costume troglodita, bárbaro e medieval. De qualquer forma, sabendo que aquele pessoal [da esquerda] era buliçoso, estridente e pirotécnico, DD sabia que, independentemente da eventual solidez dos seus argumentos, a pena de morte não seria abolida, pois a sociedade não abriria mão do recurso que, no fundo, garantia a continuidade do sistema.

A mágoa e decepção de DD eram grandes, mas, de vez em quando, ficaram ainda maiores. Foi assim quando a revista Times Life publicou o famoso artigo 'A lei e seus longos tentáculos' sobre os caminhos percorridos pela justiça diante de um crime e, na relação dos agentes importantes, sequer citou a figura do verdugo - o oficial cujo trabalho era necessário para executar as penas de rigor superior àquele possível às penitenciárias e concluir os processos que, tendo em vista a gravidade dos crimes (investigados, denunciados e julgados), redundavam em condenações de severidade maior do que a simples supressão da liberdade e, dessa forma, só podiam ser encerrados na cadeira elétrica, onde o choque fatal colocava o ponto final necessário para a segurança da sociedade. Mas, foi muito pior quando, ao saber que ele era o carrasco oficial do Condado, Deborah - a moça com que estava saindo e, se nada atrapalhasse (como, de fato, ocorreu), poderia vir a ser a senhora Givens - o rejeitara e, se dizendo desiludida com o amor, caíra na perdição da noite e, de pub em pub, passara a se dar a todos. Desde então, evitando o convívio social, ao contrário da maioria dos trabalhadores, que tinham orgulho daquilo que faziam, Jerry Bronson Givens passou a negar a profissão que exercia, inicialmente, mentindo, se dizendo, inspetor e, depois, dizendo nada. Assim, decidido a esquecer as mágoas e sufocar as desilusões, na impossibilidade de ficar invisível ou se enclausurar em algum buraco, DD decidira passar seus dias longe das pessoas, abrindo uma exceção para Nobby, que parecia tão desafortunado quanto ele.

Nobby e DD não sabiam a razão, mas, naquela noite, animados com a inesperada nova chance de felicidade - um talvez criado pela simples visão que, cada qual no seu momento, teve de Deborah e que, de alguma forma, os fez vislumbrar a chance de retomar a vida e retornar à vida -, [ambos] abriram os cofres nos quais vinham guardando tudo que, no seu entender, deveria longe dos olhos de todos e, sem quaisquer restrições, resolveram soltar os anjos presos dentro de si próprios, contrabalançando todos os momentos sóbrios vividos naqueles últimos anos.

E, como nunca, eles se entregaram à esbórnica.

Beberam como nunca tinham bebido.

Gargalharam como nunca tinham gargalhado.

Tagarelaram como nunca tinham tagarelado.

Chegaram, até mesmo, a cantar e a dançar.

Em meio à repentina torrente de palavras, já sem saber precisamente onde estavam e que horas eram, com a mente embaralhada pelo turbilhão de ideias, lembranças e mensagens amontoadas sem qualquer ordem e com os olhos turvos pelo sono, pelo torpor e pelo álcool, Nobby e DD disseram coisas faladas e repetidas muitas vezes e coisas apenas sentidas, confessando fatos e opiniões jamais admitidas. Lá pelas tantas, depois de muitos goles e muitas histórias, com surpresa crescente, se descobriram apaixonados por mulheres que tinham o mesmo nome e, mais tarde, entre olhares de raiva e laivos de ciúmes extemporâneos, [descobriram] que eram apaixonados pela mesma mulher. A Deborah de um era a Deborah do outro.

Como aquilo pode ter ocorrido?

Aquela descoberta deu origem ao caos, pois - embora, do ponto de vista concreto, alvo de desejos platônicos e unilaterais, Deborah nunca tivesse pertencido a qualquer um deles - Nobby se sentiu ultrajado por DD e vice-versa. Sentindo a fúria crescer dentro de si, Nobby desconfiou que, em seu mergulho na perdição, Deborah tivesse também se entregado a DD, dando-lhe coisas que ele próprio nunca tivera. De sua parte, igualmente tomado pelo ciúme, DD imaginou Nobby na fila dos homens que possuíam Deborah antes e depois de ela tê-lo rejeitado. Naquele momento, insuflados por suspeitas vazias e pela perspectiva do amor impossível, Nobby e DD se odiaram e, feridos em seus brios de macho, estavam dispostos a se digladiar em duelo de vida e de morte, pouco importando a inexistência de troféu ou o triste destino reservado aos contendores, vencessem ou perdessem a peleja. Antes de entrar nas vias de fato, no entanto, como se tivesse chegado o fim do mundo, sem mais qualquer percepção daquilo que acontecia, com a visão embaçada e escurecida, ambos perderam os sentidos.

De repente, suado, perdido, desorientado, cansado e espantado, Nobby voltou a si, retornando de um estranho e inédito blackout.

Vestido com as roupas espalhafatosas de sempre, depois de olhar em volta como se não soubesse onde estava, o guitarrista se descobriu no gramado do Hyde Parrk. De imediato, completamente desperta, a memória o informou que, interrompendo uma caminhada, [ele] sentara ali para descansar e se refazer da ressaca trazida desde a noitada da véspera.

A dor de cabeça e a sede eram grandes.

Já recuperado do estranho devaneio que o nocauteara, Nobby Pilcher lembrou que, após o show no Villa Country Club, finalmente cedera ao assédio sem limites de Deborah - a ninfomaníaca que seguia a banda desde os tempos de Hamburgo e já provara todos os seus músicos - e, completamente chapado, passara a noite imerso nas suas carnes [nas carnes dela], bebendo álcool, cheirando pó e engolindo pílulas de todas as cores.

A farra explicava a ressaca, mas nada dizia sobre o lapso. Nunca passara por nada parecido. Embora estranho, o sonho fora real e talvez quisesse dizer alguma coisa. Nobby só sabia que, por algum tempo (ele não saberia precisar quanto), perdera contato com a realidade e, numa experiência muito diferente das frequentes viagens psicodélicas que costumava fazer no embalo do ácido, vivera um mundo virtual, como se [ele] fosse outra pessoa. Aquele não fora um devaneio qualquer. Fora algo muito sério e, sinceramente, Nobby não sabia se queria descobrir as suas causas.

De qualquer forma, sem compreender as razões do lapso inédito, Nobby lembrou dos seus compromissos.

Embora guardasse aparência desleixada, Nobby era muito rigoroso com as coisas prometidas e programadas.

Naquela tarde, a memória informava que ele seria a estrela principal de um grande ato público contra a pena de morte, na praça localizada em frente a Real Penitenciária de Segurança Máxima, o local onde Jerry Bronson Givens, seu amigo de infância, irmão na banda e parceiro de farras, estava recolhido no corredor da morte, aguardando o encontro fatal com o carrasco - uma figura impiedosa que, sem questionar a eventual inocência do condenado, o executaria friamente e depois, quem sabe, iria se encontrar com alguém para tomar sopa de batata, comer pão preto e jogar conversa fora.

Sabendo da inocência de Jerry - o amigo fora responsabilizado pela morte de uma tiete na briga com tarados que queriam matá-lo para vender suas orelhas para colecionadores de troféus macabros - Nobby não descansaria enquanto o país não erradicasse a pena de morte, um costume troglodita, bárbaro e medieval.

Aquela era a vida real e, embora se drogasse de vez em quando, Nobby não iria deixar de lutar pelas coisas que acreditava.

(*) Alexandre Santos é ex-presidente da União Brasileira de Escritores, presidente da Associação Brasileira de Engenheiros Escritores e coordenador nacional da Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural